Dia da Juventude marcado pela crise

Hoje, dia em que se assinala o Dia Internacional da Juventude, muitos são os jovens que mostram preocupação com as incertezas do futuro, especialmente ao nível profissional. O AO ouviu alguns deles.

Ricardo Moura vence em Santa Maria e sagra-se pentacampeão

Piloto micaelense não deu hipóteses aos mais diretos adversários e terminou quinta-feira na provada do Campeonato dos Açores de Rallys com quase 2 minutos de vantagem.

Regional
Lançado apelo ao boicote de produtos açorianos

Governo prefere que seja atingida a quota nas pesca

No batismo de uma traineira, Subsecretário disse que é preferível atingir a quota do que ficar abaixo dela.
Golpe de Estado financeiro

O pior que pode acontecer é o medo, porque não há confiança nem horizonte a abrir caminho. Mesmo sem ser pessimista, percebe-se que a humanidade se encontra numa encruzilhada e é preciso estar preparado para o pior.

Nestas circunstâncias, não bastam boas intenções. É preciso refletir e tentar ver claro. Deixo ai alguns pensamentos sobre a crise, a partir de reflexões do teólogo José Ignácio Calleja, prestigioso professor de Teologia Moral Social na Faculdade de Teologia de Vitoria, num texto em que afirma precisamente que “há um golpe de Estado financeiro no mundo, gerido por políteis”, sendo necessário “impedir o fascismo social, para poder sair da crise. É verdade que a crise é também de cultura moral e espiritual, mas não é possível avançar sem uma implicação séria e a fundo na sociedade. Não se pode pretender fugir ao problema social, invocando apenas o caminho da crise espiritual e de valores. Nada mais alienante e falso do que a religião desencarnada”.

A finalidade, pois, algumas reflexões fundamentais.

1. No base, está “uma globalização econômica, gerada no quadro do neoliberalismo, que apoiou especialmente todo o sistema financeiro e social”. Para se ganhar dinheiro, este já não tinha de passar pela produção, pois o lucro tornava-se incomparavelmente mais fácil com um valor de mercado de capitais, único, opaco e sem controle socio. A apregoada autorregulagem não funcionava e o vírus especulativo tudo infetava e tornou-se incontrolável. Agora, há quem queira batizar a febre, mas, sem ter as suas profundas, não se consegue. Sem reconhecer as causas desses efeitos e os grupos sociais enriquecidos que os protagonizam com vantagem, não se consegue.

2. Com o objetivo de encontrar palavras para esses efeitos, mas sem dar ao fundo, mal, “há um golpe de Estado financeiro no mundo, com especial efeito nos mais debilita do sistema dos ricos e subordinação das democracias e dos gestores politicos do momento ao poder financeiro”.

3. No sentido de pensar uma resposta alternativa, J. I. Calleja apresenta algumas pistas. Umas: “Impedir socialmente o que alguém chamou de fascismo social”, ou seja, que cada setor da população, encorajando-se ao velho príncipe do ‘salve-se quem puder e cada um que se arranje’, aceite tudo o que viola os direitos dos outros, desde que os seus não sejam afetados.

Outra tem a ver com a justiça e a equidade nos impostos e com o modo como estão a ser reparados os esforços e as dificuldades, sem capacidade para tocar nos privilégios injustos nos estratos mais altos e os muito pobres mais fundo. “Sem uma reforma fiscal, orçamental e política profunda, não há saída para a solidariedade, imprescindivelmente”.

Em terceiro lugar, é necessário aproximar-se de um vício de que não há saída, sem o controlo social-democrático do sistema econômico e financeiro internacional e nacional, na sua capacidade, desregulação, acomodação e ‘soberania exportada’. Os governantes do G80 não se podem esquecer do que disseram no início da crise - Bentor XVI justou-se-lhes com entusiasmo na sua encíclica ‘Caridade na Verdade’, exigindo-se ‘fundar o capitalismo, regular o sistema financeiro internacional, acabar com os paradoxos fiscais: (apolo, lembre que os na dúvida davam conta destas dezenas dos bilhões dos super-ricos nesses países, sem pagamento de impostos), desenvolver a teca Tobin’. De outro lado, que se quis uma saída justa e duradoura, é imprescindível uma vida moderna, o “desencarregamento, para viverem todos com menos e bem”. Isto é muito difícil politicamente, mas é necessário a curto prazo. Nem os cursos nem o ecossistema geral da vida nos permitem outra alternativa.”

Diga Leitor

A ascensão micaelense do arquiteto Álvaro Augusto Machado

No decurso da inventariização da obra e recolhimento de biografias do arquiteto Álvaro Augusto Machado e do pintor José António Jorge Pinto, desenvolver-se-á a ascensão do primeiro que tem origem, em parte, na ilha de São Miguel. O arquiteto em filha do grande cenógrafo Eduardo José Machado (fiz o curso de desenho na Academia de Belas Artes e estudei cenografia com Procopio Ribeiro, Achille Bambois e Giuseppe Ciniatti), com quem aprende as técnicas de desenho e aguarela que se expressam nos extraordinários desenhos de arquitetura aguarelados. Além de arquiteto fez primeiro professor de Arquitetura no Instituto Superior Técnico de Lisboa, a convite de Alfredo Bandeira em 1911. O trabalho desenvolvido pelo arquiteto é de grande qualidade estética e destacam-se os seguintes projetos em Lisboa: o edifício do Hotel de Valmor (1899 a 1900); Monumento a Eduardo Coelho (1903); Colegiado Roesul (1906); Casa da República. A Academia de Fontes (1904); Villa Fradelos sobre a Avenida Roesul Garcia (1906, em colaboração com o sogro); Sociedade Nacional de Beas Artes (1906 a 1913); Casa Artur Ernesto Santa Cruz Magalhaes (1913, a qual teve menção honrosa do Prémio Valmor em 1914) e Casa Alfredo May de Oliveira (1917 a 1919, Prémio Valmor de 1919), entre muitas outras obras na mesma cidade e no resto do país. Mas são sobre o bretão os projetos que fez para o Alto do Estoril, em 1917, encomendados pelos médico psiquiatra, poeta e escritor José Caetano de Sousa Pereira de Lacerda (da natural da ilha de São Jorge, irmão do compositor e maestro Francisco Ingacio Pereira de Lacerda), os quais englobam uma moradia (Casa José de Lacerda ou dos Arcos), um bairro (denominado por Roseira e que não chega a ser conhecido) e o Hotel de Saúde do Alto do Estoril (projeto de 1910 que não chegou a ser realizado). Além destas obras o arquiteto projetou ainda uma casa no estabelecimento agrícola de Casais Alvaro Machado, que forneça sua propriedade. As principais qualidades intrínsecas, inovadoras no panorama da arquitetura, são o trabalho em linhas arquitetônicas interiores, abertura e dizenamento dos vãos, orçamento de acordo com as vistas, intercorreção dos elementos arquitetônicos e demais qualidades estéticas. Nos edifícios foram contempladas fachadas e painéis em azulejo, da autoria do grande pintor José Antonio Jorge Pinto, ao gosto Arte Nova e uma das formas de fundo branco) de grande qualidade estética. O trabalho desenvolvido por Álvaro Machado é de facto extraordinário e innovador no panorama da arquitetura portuguesa. Segue a lista de costados, via parte, do arquiteto:

1. Jacinto José Moniz casou com Amélia Coelho (ver Genealogia de São Miguel e Santa Maria, página 255), filhos:
2. José Machado Machado, arquiteto e natural de Ponta Delgada, faleceu em São Pedro, nas proximidades de Lagos, no início do século XX, terceira vez que se saiu da crise jurada e duradoura, é imprescindível uma vida moderna, o "desencarregamento, para viverem todos com menos e bem". Isto é muito difícil politicamente, mas é necessário a curto prazo. Nem os cursos nem o ecossistema geral da vida nos permitem outra alternativa.

Os textos enviados para publicação nas rubricas "Diga Leitor" e "Carta ao Diretor" devem indicar nome, morada e telefone. Não publicamos os artigos assinados por pseudônimos ou iniciais. O Aporia Oriental reserva-se ao direito de selecionar o resumir por razões de espaço ou clareza. Rua. Dr. Bruno Tavares Carreiro, 34/36 - 20050-053 Porto Delgada - São Miguel - Açores. Email: accoriorientalis@caoriontialport.com